



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

CAROLINE POSSEBON ANAISSI

**PEIXE-BOI DA AMAZÔNIA - LENDAS, MITOS E CRENÇAS COMO MEIOS  
PARA ETNOCONSERVAÇÃO**

Florianópolis - SC

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

CAROLINE POSSEBON ANAISSI

**PEIXE-BOI DA AMAZÔNIA - LENDAS, MITOS E CRENÇAS COMO MEIOS  
PARA ETNOCONSERVAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Graduação apresentado à Universidade  
Federal de Santa Catarina como requisito  
para obtenção do grau de licenciatura em  
Ciências Biológicas.

Orientador: Dr. Fernando César  
Weber Rosas

Florianópolis - SC

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Anaissi, Caroline P.

PEIXE-BOI DA AMAZÔNIA : LENDAS, MITOS E CRENÇAS COMO  
MEIOS PARA ETNOCONSERVAÇÃO / Caroline P. Anaissi ;  
orientador, Fernando César Weber Rosas, 2019.

34 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências  
Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis,  
2019.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Peixe-boi da Amazônia. 3.  
lendas. 4. Etnoconservação. 5. sirenios. I. Rosas, Fernando  
César Weber . II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.

Caroline Possebon Anaissi

**PEIXE-BOI DA AMAZÔNIA - LENDAS, MITOS E CRENÇAS COMO MEIOS  
PARA ETNOCONSERVAÇÃO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciada em Ciências Biológicas”, e aprovada em sua forma final pelo Curso de Ciências Biológicas.

Florianópolis, de fevereiro de 2019.

---

Prof. Dr. Carlos Roberto Zanetti  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Dr. Fernando César Weber Rosas  
Orientador

---

Prof. Dr. Paulo César Simões-Lopes  
Membro Titular  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natalia Hanazaki  
Membro Titular  
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico esta obra à Deus, aos meus pais que desde cedo me ensinaram a amar e respeitar a natureza, conduzindo assim minha escolha por esta profissão. "*In memorian*" aos meus avós, exemplos de hombridade e amor que ajudaram na formação do meu caráter. E aquele que esteve ao meu lado por um tempo curto demais, mas me permitiu viver intensamente a mais verdadeira amizade, me apoiando de perto e de longe a todo momento e que continua sendo meu amigo e protetor, onde quer que esteja, "*in memorian*" à Rafael Candido, "love de my life" o melhor amigo que já tive.

## AGRADECIMENTOS

Concluir este curso levou mais tempo do que o esperado normalmente, entre idas e vindas e muitas frustrações pessoais, não desistir de realizar este sonho exigiu muita superação, persistência e resiliência. Para tal, aqueles que já faziam parte da minha vida, e os que cruzaram meu caminho durante o processo fizeram-se tão fundamentais quanto à fé em Deus, em Nossa Senhora e em meus guias espirituais, aos quais sou muito grata.

Ainda mais essenciais neste momento, agradeço aos meus pais, Reginaldo (meu maior exemplo e inspiração para escolha desta profissão) e Rutilandia pela educação baseada em valores e princípios íntegros e confiança. Pelos exemplos de honestidade, humildade, respeito, perseverança e garra, que me fazem ter orgulho do ser humano que sou ao olhar no espelho. Pelo amor incondicional, pela compreensão mesmo nos momentos mais tensos e frustrantes, por serem meu porto seguro, minha base, meu orgulho. Por brigar, cobrar e dizer não, sem jamais largarem minhas mãos. Por me ajudarem a levantar sempre que caí, por me permitir voar com a segurança de ter pra onde voltar. Aos meus irmãos, Vinicius e Leonardo, por serem homens íntegros, dos quais me orgulho, por aturarem minhas chatices e crises de mau humor, por sempre fazerem prevalecer o amor acima de tudo, vocês não tem ideia do quanto são importantes pra mim. Saibam que sou e faço tudo por vocês! A toda minha família avós (*in memoriam*), tios (as) e primos (as) pela torcida e apoio de sempre.

Ao Edson Rodrigues, ex namorado e amigo, pelo carinho, respeito, apoio e incentivo de sempre para que eu acreditasse que sou capaz de chegar até aqui.

As instituições, UNITINS (onde comecei esse caminho, hoje UFT) e UFSC, agradeço por toda estrutura e aprendizado. A cada professor pela dedicação, carinho e competência com que transmitiram seus conhecimentos. Aos professores Carlos Pinto, Paulo César (Paulinho) e Andrea Marrero, cujo amor pelo que fazem é nítido, inspira e fortalece a certeza de minha escolha. Pelas aulas dadas com paixão e bom humor, pelas conversas extra sala, por nos permitirem ser próximos, pela compreensão e apoio nos momentos de angústia e dificuldade, por serem alívio em meio aos momentos de desânimo e descrença.

Ao meu orientador, Fernando C. W. Rosas, que veio como uma luz através do professor Paulinho, agradeço imensamente por, mesmo aposentado, aceitar o desafio de me

orientar e dividir comigo suas experiências e conhecimento, e dedicar seu tempo e paciência, para a realização deste trabalho.

Aos colegas e amigos de graduação, com os quais dividi trabalhos, dúvidas, angústias, frustrações, mas também muitas risadas, festas e conquistas. Obrigada por serem alicerce, colo, parceria, puxada de orelha e tornarem mais leve, louco, divertido e prazeroso os caminhos deste processo. Em especial aos que estavam lá no começo de tudo, no momento que eu pensei ser o mais difícil da minha vida, ao me mudar para Tocantins, foram vocês, Hugo, Evesson, Ricardo, Paulo (meu quarteto amado), Paulinha (amiga e grande incentivadora), Hyana, Nóia (Elton), Raul (Ronaldo), Rony, Thompson, Heidi, Jaque, Nadjani, e Bia, Rafa e Poli (com quem compartilhei a primeira experiência de dividir aluguel e responsabilidades), que transformaram este momento na melhor fase da minha vida. Grata também ao Gobira, que se tornou um segundo pai, me acolhendo e auxiliando sempre que precisei. Vocês não imaginam o quanto foram fundamentais e são especiais pra mim. Tenho orgulho de poder chama-los de amigos até hoje. Difícil mesmo foi ter voltado! Do mesmo modo, o receio de chegar na UFSC tendo que recomeçar numa nova turma, novos professores, foi amenizado ao encontrar numa turma incrível (2003.1) amigos tão maravilhosos. Manu e Gabriel (meu Dorrr), vocês são o motivo pelo qual volto a sorrir quando me arrependo de não ter ficado em Tocantins, nem imagino não ter vocês pra chamar de amigos. Por ultimo e não menos importantes, turma de 2012.2. Dedé, Ceci, Grace, Renan, Suzy, Camila, Nani, Monique e Isa, obrigada, por mais do que colegas, se tornarem verdadeiros amigos, parceiros e até cúmplices. Obrigada de coração por fazerem parte desse processo e torna-lo mais fácil de ser cumprido. Por serem força, preocupação, carinho quando esses "poucos" anos de diferença berraram e meu corpo quase se entregou. Pelas diversas e intermináveis gargalhadas que renovaram a energia pra seguir em frente, não teria sido nada fácil chegar até aqui sem vocês. É um prazer leva-los da UFSC pra vida!

Agradeço a minha "potocada" (afilhados, "sobrinhos" e priminhas) pelo amor mais puro, no qual renovo minhas forças e pra quem quero ser exemplo sempre.

Finalizo agradecendo aos membros da banca, por dispor do seu tempo para corrigir esse trabalho e colaborar no meu processo neste momento.

"Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim."

(Chico Xavier)





## RESUMO

O peixe-boi da Amazônia (*Trichechus inunguis*) é o maior mamífero aquático de água doce da América do Sul, é herbívoro, tem hábitos discretos e, apesar de seu tamanho, a sua cor e a turbidez das águas onde ocorre dificultam sua observação na natureza. O conhecimento dos povos indígenas e populações ribeirinhas não indígenas acerca da fauna amazônica, aliado ao conhecimento científico, representam juntos uma ferramenta robusta para o melhor entendimento da biologia e ecologia das espécies, assim como para o desenvolvimento de estratégias de etnoconservação. Além dos dados obtidos com animais cativos, em projetos de conservação desenvolvidos na região, muito do que se soube inicialmente a respeito do peixe-boi da Amazônia foi obtido junto a essas populações. O próprio caçador de peixe-boi se tornou uma grande fonte de informação quanto ao comportamento e distribuição da espécie. Apesar de proibida, a caça, seja para subsistência ou comercialização ilegal, ainda é umas das principais ameaças à espécie, considerada vulnerável pela IUCN. Através de levantamentos bibliográficos e consulta feita com pesquisadores e técnicos que estudam a espécie, aprofundamos o olhar sobre algumas lendas e crenças a respeito do peixe-boi da Amazônia, buscando melhor compreender as relações etnobiológicas entre os ribeirinhos e a espécie, quanto ao uso, percepção ecológica e importância da espécie para as populações amazônicas buscando a identificação de elementos conservacionistas. A suposta origem dos peixes-bois é abordada na lenda indígena denominada “A festa da moça nova”, a qual menciona a transformação de índios no primeiro casal da espécie, ou em “vermes” que caem das árvores e tornam-se peixes-bois na lenda da “Árvore dos peixes-bois”. Algumas lendas dizem respeito ao uso da espécie para além do consumo de subsistência, e mencionam “poderes” afrodisíacos ou curativos atribuídos à carne, assim como os males que podem ser associados ao seu consumo como o “mal do sangue”, ou ainda quanto ao fim dado às partes não utilizadas na crença do pescador na “panema”. Um dado novo quanto ao uso da carne do peixe-boi como isca para pesca da piracatinga (*Calophysus macropterus*), relatado por técnicos consultados, causou-nos estranheza, e essa informação merece ser mais aprofundada, a fim de que possam ser encontrados aspectos que justifiquem e comprovem o uso da carne dessa espécie para este fim. Apesar da maioria dos ribeirinhos admitirem o declínio na população de peixes-bois comparado ao que contam os mais velhos e de seus conhecimentos quanto à espécie, segundo resultados encontrados é possível afirmar que a maioria das populações ribeirinhas não acreditam no risco de extinção do peixe-boi da Amazônia, assim como não compreendem as consequências que isto traria ao ambiente. Fica, contudo, clara a importância e necessidade de enfatizar e desenvolver novas estratégias de educação ambiental que visem a conscientização dos ribeirinhos quanto à conservação da espécie respeitando a cultura, as tradições e integrando o conhecimento científico com o das populações locais.

**Palavras chave:** conhecimento tradicional, interações com seres humanos, *Trichechus inunguis*

## ABSTRACT

The Amazonian manatee (*Trichechus inunguis*) is the biggest South American fresh water aquatic mammal. It is a cryptic species with a herbivorous diet. Its color and the water turbidity make it difficult to observe it in natural environment, despite its large size. The knowledge of indigenous peoples and non-indigenous river dwellers about the Amazonian fauna, allied to scientific knowledge, are key to a better understanding of the biology and ecology of species, as well as further development of ethnoconservation strategies. In addition to the collected data obtained with captive animals from conservation projects developed in the region, much of what we have known initially about the manatee was obtained from these peoples. Manatee hunters themselves became a solid source of information about the behaviour and distribution of the species. Despite the prohibition, irrespective whether it is for subsistence or commercial purposes, hunting is still one of the main threats to the species, now considered Vulnerable by the IUCN. Through bibliographical survey and consultation with researchers and technicians who study the species, we analyzed the legends and beliefs about the Amazonian manatee, seeking better to understand the ethnobiological relations between the riverside and the species, concerning the use, ecological perception and importance of the species to the Amazonian peoples and aiming to identify conservationist elements. The presumed origin of the manatee is tackled in the indigenous legend called “The party of the new girl”, which tells the transformation of Indians in the first couple of the species. In the “Tree of the Manatee”, the legend tells of “worms” falling down from trees and turning into a manatee. Some legends approach the use of the species going beyond the subsistence and mention aphrodisiac or healing powers ascribed to the consumption of manatee meat. Accordingly, it is believed that there are blood ills related to that consumption, or as to the purpose given to the parts not used in the fisherman's belief in the “panema”. In addition, a new information concerning the use of the manatee meat as fishing bait for piracatinga (*Calophysus macropterus*) was brought by the consulted technicians, raising the awareness of the necessity of searching for elements that can justify and prove the use of the meat to that purpose. Although the majority of the river dwellers admit that there is a declination of the manatee population, according to results found it is possible to state that they do not believe that the species is threatened with extinction. In the same way, the consequences to the environment does not seem to be fully understood. It is evident, therefore, the importance and necessity of placing the emphasis on the design of new environmental education strategies to make the river peoples aware of their roles in the conservation of those species integrating cultural tradition and scientific knowledge.

Key Words: traditional knowledge; interaction with humans; *Trichechus inunguis*



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição geográfica do peixe-boi da Amazônia.....	14
Figura 2 - A) Apetrechos de caça: arpão, arpoeira, bóia e haste; B) Canoa de casco, própria para caça do peixe-boi.....	20
Figura 4 - Lenda do peixe-boi - "A festa da moça nova".....	21
Figura 5 - Lenda do peixe-boi - "A árvore do peixe-boi" .....	24
Figura 6 - Banha do peixe-boi comercializada da Amazônia.....	26

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b><a href="#">1313</a></b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>17</b>
2.1 Objetivos Gerais .....	17
2.2 Objetivo Específico .....	17
<b>3. MÉTODOS.....</b>	<b><a href="#">1717</a></b>
3.1 Coleta de dados.....	17
<b>4. RESULTADOS &amp; DISCUSSÃO .....</b>	<b><a href="#">1818</a></b>
4.1 Caracterização da caça.....	19
4.2 Reconhecimento etnobiológico por lendas, crenças e uso.....	21
4.2.1 A lenda das Sereias.....	21
4.2.2 As Lendas da Origem do peixe-boi .....	22
4.2.3 Uso do peixe-boi e crenças populares a respeito da espécie .....	24
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Os peixes-bois são mamíferos aquáticos, pertencentes a família Trichechidae, da qual fazem parte o peixe-boi africano (*Trichechus senegalensis*), o peixe-boi marinho (*T. manatus*) e o peixe-boi da Amazônia (*T. inunguis*). Juntamente com a família Dugongidae, representada pelos dugongos (*Dugong dugon*) e pela extinta vaca marinha de Steller (*Hydrodamalis gigas*), compõem a ordem Sirenia (Rosas e Pimentel, 2001).

A ordem Sirenia possui registros fósseis de seus ancestrais de quase 55 milhões de anos, desde o Período Eoceno, atingindo seu pico de diversidade, com 12 gêneros e 36 espécies distribuídos mundialmente, entre os períodos Oligoceno e Mioceno (Rosas e Pimentel, 2001). As mudanças climáticas e oceanográficas foram as condicionantes responsáveis pelo grande declínio do número de espécies, o que também diminuiu muito a distribuição espacial dos sirênios atuais (Rosas e Pimentel, 2001).

A Ordem Sirenia inclui os únicos mamíferos aquáticos exclusivamente herbívoros, diferenciando-se dos demais mamíferos aquáticos. Possuem adaptações evolutivas que incluem uma dentição composta por elevado número de molares e ausência de dentes incisivos e caninos, além de um sistema de substituição dentária contínuo que ocorre desde o desmame até a morte do animal. São animais de vida longa, baixa taxa reprodutiva e ampla distribuição em regiões tropicais ou subtropicais. Evolutivamente alguns trichechídeos foram isolados na Bacia Amazônica, dando origem assim ao peixe-boi da Amazônia (Rosas, 1994). O Brasil é o único país onde ocorrem duas espécies de peixes-bois, *T. manatus* e *T. inunguis* (Rosas e Pimentel, 2001).

O peixe-boi da Amazônia é o único sirênio distribuído exclusivamente em água doce. É endêmico da Bacia Amazônica e sua distribuição é limitada por cursos d'água com forte correnteza e pela disponibilidade de vegetação aquática, podendo ser encontrado desde a Ilha do Marajó no Brasil, até as cabeceiras das bacias no Peru, Colômbia e Equador (Best, 1984; Rosas, 1994) (Fig. 1). A espécie ocorre em simpatria com o peixe-boi marinho (*T. manatus*) no estuário do rio Amazonas, onde já foram registrados híbridos na região (Pantoja, 2015). É o menor membro da família Trichechidae, alcançando no máximo 275 cm e pesando até 420 kg. Diferencia-se das outras espécies também por sua coloração mais escura, ficando entre o cinza-escuro e o preto, por possuir manchas brancas ou rosadas na região ventral e por não

apresentar unhas nas nadadeiras peitorais, fato que determinou o nome científico da espécie, “inunguis” de origem grega, que quer dizer "sem unhas". Ocorre em águas com temperaturas superiores aos 23°C e com baixa turbulência (Rosas, 1994; Amaral et al., 2010). É um mamífero herbívoro não ruminante, alimentando-se de cerca de 50 espécies de plantas aquáticas e semi-aquáticas (Guterres-Pazin et al., 2013).



Figura 1: Distribuição geográfica do Peixe-boi da Amazônia.  
Fonte: Pantoja (2015)

Atualmente o peixe-boi da Amazônia está classificado como espécie vulnerável pela IUCN (União Internacional de Conservação da Natureza) (2017), sendo provavelmente o mamífero mais caçado da fauna brasileira (Chiarello et al, 2008), o que significa que se os fatores operantes que ameaçam a espécie não forem debelados, ela poderá ser extinta. Tem uma baixa e lenta taxa reprodutiva, atingindo a maturidade sexual somente aos 6 anos, e um período gestacional de cerca de 13 meses. A cada gestação as fêmeas dão a luz a um único filhote, com intervalo médio de três anos entre as gestações, permanecendo com o filhote por aproximadamente dois anos (Silva et al., 2008), o que dificulta a capacidade de recuperação de estoque e consequentemente a preservação da espécie frente ao abate. A reprodução da espécie está diretamente ligada ao ciclo hidrológico da região amazônica. Por haver uma maior oferta de alimentos, a cópula e o nascimento acontecem nos períodos de cheia, que ocorrem entre dezembro e julho, com número maior de nascimentos entre os meses de fevereiro e maio (Zaniolo, 2006).



A grande complexidade e tamanho da região amazônica, a turbidez das águas e os hábitos discretos da espécie, dificultam a coleta de dados comportamentais, abundância e distribuição em seu habitat natural. Grande parte das informações obtidas sobre a biologia, fisiologia, anatomia e etologia do peixe-boi da Amazônia foram adquiridas através de pesquisas realizadas com indivíduos em cativeiro, (Calvimontes, 2009; Souza, 2015), o que torna as informações advindas dos habitantes de comunidades ribeirinhas, indígenas e não indígenas, de extrema importância para os estudos e conhecimento mais amplo e claro sobre a espécie em vida livre (Calvimontes, 2009).

Atualmente o valor dos conhecimentos tradicionais (etnoconhecimento) dos povos indígenas tem sido reconhecido, mais especificamente, o conhecimento ambiental tradicional que possuem, e tem motivado uma série de pesquisas científicas desenvolvidas por pesquisadores dos povos indígenas em parceria com projetos de pesquisa acerca da biologia e ecologia das espécies de um modo geral (Johnson, 1992). De acordo com Nascimento (2013), etnoconhecimento são os saberes e as tradições passados de geração a geração nas comunidades tradicionais, aprendidos com a vida cotidiana e a interação direta com o meio que os cerca e seus fenômenos naturais. São valores, estilos de vida, já enraizados no cotidiano das populações (indígenas ou não), transmitidos oralmente, ensinados informalmente (Calvimontes, 2009), que são influenciados por seus ancestrais, pelo local e pela relação entre o ser humano e natureza. Muito da cultura e tradição dos povos que habitam a bacia Amazônica é contado através de lendas, ditados e mitos (Calvimontes, 2009).

Ironicamente são os caçadores que detém boa parte desse conhecimento, pois para garantir o sucesso da caça precisam aprender muito sobre o comportamento da espécie em seu ambiente natural, tornando-os ótimas fontes de informação, não somente sobre as espécies, mas também sobre as relações etnobiológicas entre os caçadores e as espécies.

O peixe-boi da Amazônia tem sido foco de muitas lendas e mitos do amazônida, que utiliza a espécie como recurso alimentar há centenas de anos. O abate de peixes-bois para consumo da carne agravou-se com a chegada dos colonizadores europeus na Amazônia, que além do uso da carne, a qual já era apreciada pelas populações indígenas da região, passou também a utilizar a gordura como fonte de combustível para lamparinas e o couro duro e resistente da espécie como correia para máquinas industriais (Best, 1984; Rosas, 1994). Somente após o advento dos produtos sintéticos, que substituíram o couro do peixe-boi, e da

energia elétrica, no início do século passado, é que o uso comercial do couro e da banha em larga escala diminuiu, mas persistiu ainda o comércio ilegal de carne na região, muito apreciada pelos moradores da bacia Amazônica (Rosas e Pimentel, 2001).

Através das lendas, mitos e relatos que comprovam a intensa relação das populações com a fauna, é possível observar o importante papel destas para a preservação das espécies. Em algumas delas há uma tentativa para explicar a origem do peixe-boi, trazendo mensagens positivas dessa relação e da importância em se conservar as espécies.

A etnoconservação está diretamente ligada aos conhecimentos tradicionais e os povos ribeirinhos (indígenas e não indígenas). Derivada da etnociência, a etnoconservação visa associar os conhecimentos tradicionais à possibilidade de uma gestão comunitária dos recursos naturais a fim de promover a conservação da natureza em si. Este conceito reforça ainda o papel desses povos na proteção do ambiente em que vivem. Sendo esta uma forma eficaz de amenizar os impactos negativos do ser humano à natureza, consequentes do modelo capitalista, no qual se vive "esquecendo" dos recursos advindos da natureza, dos quais dependemos (Pereira e Diegues, 2010).

Com base nas principais lendas, mitos, crenças e ditados acerca do peixe-boi, juntamente com o uso dado pelas populações amazonidas à espécie, respeitando suas culturas e tratando com o devido cuidado sobre aspectos já tão enraizados no cotidiano, muitas vezes baseados em crenças e pensamentos religiosos e levando em consideração suas realidades biológicas e socioeconômicas (Calvimontes, 2009), este trabalho visa identificar atitudes conservacionistas já existentes, assim como quaisquer possíveis interpretações e conceitos negativos à preservação da espécie.

A integração do conhecimento científico com o saber popular dos ribeirinhos permite calibrar e melhor compreender alguns aspectos da biologia e ecologia do peixe-boi da Amazônia. Considerando que ambos conhecimentos, científico e local, são igualmente importantes (Zaniolo, 2006), esta estratégia tem sido amplamente utilizada pelos pesquisadores dos principais projetos de estudos e preservação do peixe-boi da Amazônia, permitindo desenvolver ações de educação ambiental mais eficientes, com vistas à conservação e manejo dessa espécie ameaçada.

## 2. OBJETIVOS

### 2.1 Objetivos Gerais

Identificar algumas das principais lendas, mitos e ditados populares acerca do peixe-boi da Amazônia, a partir de pesquisa bibliográfica, visando buscar elementos que sejam apontados como atitudes conservacionistas, bem como compreender a percepção das populações amazônidas, que se relacionam com espécie, frente ao peixe-boi e aos usos que dão à espécie na região.

### 2.2 Objetivo Específico

Procurar dentre os elementos conservacionistas encontrados nas lendas, mitos e ditados acerca do peixe-boi, bem como nos tradicionais usos dados à espécie pelas populações com as quais se relacionam mais estreitamente, pontos comuns entre as distintas populações, meios de utilizá-los de forma que possam embasar a importância da etnoconservação da espécie.

## 3. MÉTODOS

### 3.1 Coleta de dados

Para alcançar os objetivos propostos nesse estudo foi realizado um levantamento bibliográfico sobre as lendas, mitos e usos do peixe-boi da Amazônia, abrangendo não apenas a Amazônia brasileira, mas também as lendas sobre o peixe-boi nos países vizinhos onde a espécie ocorre.

Visando ampliar as informações e ter acesso a possíveis, lendas, crenças e usos dado ao peixe-boi da Amazônia atualmente, foram realizados contatos através de e-mail, “Whatsapp” e “Messenger” com quatro educadores ambientais e pesquisadores que se dedicam ao estudo e projetos de conservação da espécie junto às comunidades ribeirinhas, indígenas ou não, que possuem conhecimento quanto às lendas, mitos populares e uso da espécie nas regiões amazônicas do Brasil, Peru e fronteira com a Colômbia, onde desenvolvem seus trabalhos/projetos. O levantamento bibliográfico, com buscas pelas palavras-chave: *Trichechus inunguis*, peixe-boi da Amazônia, lendas, etnoconhecimento, manatee, manatí, sirenios, sereias, foi realizado em diferentes plataformas de informações, tais como: livros impressos e/ou disponíveis em plataformas digitais, trabalhos científicos -

publicados ou de divulgação - (artigos científicos, teses, trabalhos de conclusão de curso...), busca em plataformas científicas online (google acadêmico), entre outros.

Foram consideradas não somente as lendas e crenças de cunho indígena, mas também de populações ribeirinhas não indígenas e de caboclos oriundos de outras partes do Brasil que se estabeleceram na região Amazônica, considerando também seus relatos acerca do uso dado à espécie.

#### **4. RESULTADOS & DISCUSSÃO**

O peixe-boi da Amazônia tem sido utilizado como recurso alimentar, bem como para fins medicinais pelas populações indígenas por centenas de anos (Rosas e Pimentel, 2001). A exploração comercial, no entanto, iniciou-se com a chegada dos europeus à região e a carne do peixe-boi, comercializada na forma de “mixira” (pedaços de carne frita na gordura do animal e armazenadas na própria gordura - prática utilizada pelo amazônida para a conservação das carnes, por não possuírem energia elétrica e consequentemente geladeira) era extremamente apreciada como uma iguaria.

Segundo relatos do Padre Vieira, em meados dos anos 1600, até 20 navios holandeses eram anualmente carregados com carne de peixe-boi para exportação para Europa (Best, 1984). Entre os anos de 1935 e 1954, iniciou-se uma nova era comercial de abate ao peixe-boi, com o preparo do couro grosso e resistente desse animal pela indústria de curtumes, para fins de uso como correias de máquinas industriais, mangueiras e cola (Pereira, 1944). A partir de 1955, com o advento de produtos sintéticos no mercado, os curtumes praticamente encerraram as atividades de preparo do couro do peixe-boi, mas àquelas alturas uma redução drástica das populações do peixe-boi na Amazônia já havia ocorrido. Estima-se que cerca de 200.000 peixes-bois foram mortos só neste período (Calvimontes, 2009). Não obstante, tanto a exploração comercial quanto a caça de subsistência para consumo da carne continuaram até meados dos anos de 1970, quando a espécie foi declarada pelas leis brasileiras como ameaçada de extinção (Best, 1984). De acordo com Rosas e Pimentel (2001), a cerca de 20 anos atrás, exista ainda um mercado ilegal da carne de peixe-boi em pequena escala ao longo da bacia Amazônica, além da persistência da caça de subsistência. Tal informação foi também reforçada em entrevista realizada com a pesquisadora líder do grupo de pesquisas em mamíferos aquáticos do Instituto Mamirauá, Dra. M. Marmontel apresentada na websérie **“Peixe-boi - Guardião das Águas Amazônicas”**, produzida pelo próprio instituto:

*"Ainda existe caça de subsistência do peixe-boi amazônico ao longo de toda a Amazônia, inclusive dentro de reservas, como a Reserva de Amanã".*

Esses abates, mesmo que em escala muito menor do que a exploração comercial em larga escala do passado, e ocorrendo de forma oportunista, continuam ameaçando a sobrevivência da espécie, impedindo sua total recuperação em razão de sua já mencionada baixa taxa reprodutiva. Isso é agravado pelo fato de serem as fêmeas prenhas ou lactantes os alvos preferidos dos caçadores, por serem mais ricas em gordura.

#### **4.1 Caracterização da caça**

O comportamento discreto da espécie e as características das águas onde habitam, tornam a atividade da caça extremamente difícil, exigindo muita habilidade e paciência de seus caçadores. Em sua maioria a caça ocorre durante o dia, sendo realizada por apenas uma pessoa, podendo chegar a até um dia de duração, com média de um animal abatido por caça (Souza, 2015).

Dentre as técnicas utilizadas para a caça, a mais comum é por arpoamento seguido de asfixia, que consiste em uma busca pelo animal, feita com uma canoa de madeira, com cerca de 4 m de comprimento, preferencialmente produzida com um único tronco de árvore, o que diminui o ruído produzido na água com o bater da canoa. Silenciosamente o caçador procura por vestígios que indiquem a presença do peixe-boi e então aguarda pacientemente sua subida à superfície para respirar, momento em que o animal é arpoado, com auxílio de uma haste de madeira, na extremidade da qual encontra-se o arpão (ponta de metal), amarrado à uma corda resistente, denominada arpoeira e uma boia também amarrada à arpoeira para ajudar na localização do animal e dificultar sua fuga (Fig. 2). Após ser arpoado, por aproximadamente 20 minutos, o peixe-boi trava uma luta por sua sobrevivência, com movimentos fortes, capazes de arrastar a canoa (Souza, 2015). Cansado, o peixe-boi é puxado pela arpoeira para perto da canoa, e considerando seu tamanho e profundidade do rio, o caçador pode abatê-lo neste momento ou leva-lo à margem do rio onde é abatido, sendo asfixiado com o uso de tornos de madeira que são introduzidos em suas narinas com ajuda de um porrete (espécie de cacete). Morto, o peixe-boi é embarcado na canoa, para tal o caçador pode leva-lo até a

margem ou embarca-lo diretamente na canoa (Souza, 2015) alagando-a, o que exige muita habilidade, pois essa técnica apesar de não afundar a canoa (devido a madeira com que é feita) a deixa logo abaixo da linha da superfície da água. Após embarcar o peixe-boi, o caçador retira a água de dentro da canoa e segue viagem até sua comunidade (Vieira, 2013).



Figura 2: A) Os apetrechos de caça: arpão, arpoeira, bóia e haste; B) Canoa de casco, própria para a caça do peixe-boi. Fonte: Souza (2015).

Outros apetrechos de pesca também podem ser utilizados neste técnica, como anzol de jacaré que ajuda a içar o animal. Há ainda caçadores que ao invés dos tornos, optam por usar cordas para amarrar o focinho, ou preferem mata-lo por afogamento (Souza, 2015).

A preferência pela técnica de afogamento, é também amparada pela crença de que se a comedia (área de alimentação do peixe-boi) for suja com o sangue do animal abatido, devido ao ferimento com arpão, outros indivíduos não voltam para se alimentar no mesmo local, então, se não for possível embarcar o animal no local onde foi abatido, o arrastam até a margem mais próxima, pelo menor tempo e distância possível, a fim de tentar preservar as áreas de caça (Souza, 2015).

Segundo Cristian J. V. Ramirez, gerente ambiental da Universidade Nacional Da

Amazônia Peruana e membro do conselho de administração do CREA (Centro de Resgate Amazônico), na Amazônia peruana, as atividades de caça como alimento estão restritas aos indivíduos mais velhos das comunidades ribeirinhas, corroborando os estudos que mencionam que as técnicas de caça não vem sendo transmitidas às gerações mais jovens (Pantoja, 2015; Souza, 2015; Zaniolo, 2006), seja pelo aumento da fiscalização dos órgãos ambientais, pela falta de interesse dos indivíduos mais jovens, que procuram atividades mais rentáveis (Zaniolo, 2006), ou pelos trabalhos de conscientização após a criação de áreas de reserva (Souza, 2015).

## 4.2 Reconhecimento etnobiológico nas lendas, crenças e uso

### 4.2.1 A lenda das Sereias

Há muitas lendas e mitos associados de alguma forma aos peixes-bois. A própria Ordem a que pertencem tem origem do latim “siren”, que significa sereia, numa alusão as lendárias sereias, metade peixe, metade mulher. Essa denominação parece estar relacionada com a posição das mamas na espécie, as quais situam-se junto às nadadeiras peitorais, de maneira que ao amamentar seus filhotes, assemelham-se à uma mulher amamentando seu filho. Dessa forma, quando fêmeas lactantes eram vistas pelos antigos navegadores amamentando seus filhotes, muitas vezes com longos ramos de algas (um dos alimentos do peixe-boi marinho) em suas cabeças, eram comparadas às místicas sereias (Fig.3) (Brito, 2006).



Figura 3: Imagens ilustrativas das místicas sereias.  
Fonte: [www.imagick.com.br](http://www.imagick.com.br); [www.inprnt.com](http://www.inprnt.com) (Horrocks, 2014).

A lenda das sereias, no entanto, não é difundida na Amazônia, provavelmente porque está mais diretamente ligada aos Dugongos, sirenio que ocorre em águas marinhas costeiras. Contudo, a associação do peixe-boi à uma mulher amamentando, de certa forma humaniza a espécie, dando à lenda um apelo emocional que pode ser usado em trabalhos de conscientização para fins de conservação dos peixes-bois de um modo geral. De maneira análoga, tal associação pode auxiliar as populações ribeirinhas a compreender que, embora a espécie tem a palavra peixe em seu nome vulgar, trata-se, na verdade, de um mamífero com taxa reprodutiva baixa inerente a muitas outras espécies da Classe Mammalia. Esse entendimento poderá auxiliar em programas de educação ambiental já que para as comunidades do interior da Amazônia, o simples fato de considerar o peixe-boi como um “peixe” os faz acreditar que a espécie produz dezenas ou centenas de filhotes como ocorre com uma grande quantidade de espécies de peixes. Essa ideia de abundância parece ser muito comum entre as comunidades ribeirinhas, pois acreditam que "o que Deus deixa, não acaba, diminui, mas não acaba" (Souza, 2015; Calvimontes, 2009), podendo dificultar os trabalhos de conscientização sobre os riscos de extinção da espécie, dando a entender que os recursos naturais são inesgotáveis.

#### 4.2.2 As Lendas sobre a origem do peixe-boi

Existe uma lenda indígena, de origem Ticuna, bastante difundida entre os ribeirinhos do Alto Rio Solimões que traz em sua essência uma alusão à origem dos peixes-bois nos rios da Amazônia. Conta a lenda que o primeiro casal de peixe-boi da Amazônia teria surgido numa festa tradicional, chamada "**A festa da moça nova**", um ritual de iniciação feminina, que acontece quando a menina menstrua pela primeira vez, tornando-se mulher. A menina é isolada em um local reservado por 3 meses, não podendo ter contato com nenhum homem da tribo durante o período de reclusão, apenas com sua mãe e tias (Filho, 2015). Certa vez, em uma dessas festas, quando a menina sai da reclusão e é apresentada aos membros convidados de outros clãs Ticuna, o pajé da tribo desconfiou que a menina já estava namorando um rapaz da tribo e como castigo, durante a festa, mandou que ambos mergulhassem no rio e jogou sobre eles duas talas de canarana (*Echinochloa polystachya* - gramínea aquática que compõe um dos itens da dieta dos peixes-bois amazônicos) enfeitadas, e quando o casal emergiu já haviam se transformado em peixes-bois (Fig.4) (Coelho, 2003).





Figura 4 - Imagem ilustrativa da lenda do peixe-boi - "A festa da moça nova".

Fonte: [www.folclorebrasileiroblog.wordpress.com](http://www.folclorebrasileiroblog.wordpress.com), 2016.

Esta lenda também remete à um olhar mais humano sobre a espécie. Isso favorece trabalhos de conscientização junto aos indígenas, levando em consideração os costumes dos diferentes povos, possibilitando que vejam o peixe-boi como um igual, já que seriam herdeiros de um antigo casal indígena enfeitiçado. Seriam eles, juntamente com ribeirinhos não indígenas, os humanos que se relacionariam mais diretamente com a espécie.

Outra lenda que diz respeito à origem dos peixes-bois, contada entre os povos Ticuna da Amazônia colombiana, é "**A árvore do peixe-boi**" (Fig. 5). Diz a lenda que na cabeceira de um lago distante existe uma árvore grande, onde há vermes que comem as folhas e se envolvem em casulos, formando ninhos. Meses depois, durante as fortes chuvas, com relâmpagos e trovões, os ninhos se rompem e os vermes caem no chão, rolam em direção ao lago e ao alcançar a água transformam-se em peixes-bois (Kendall e Orozco, 2003).



Figura 5 - Imagem ilustrativa da lenda "A árvore do peixe-boi".

Fonte: [www.omacha.org](http://www.omacha.org)

Desta lenda pode-se tirar, pelo menos, duas mensagens. Por um lado a preservação das florestas e consequentemente dos peixes-bois advindos dessas árvores, que seriam "berço" de "filhotes" de peixes-bois. Isto pode ter um efeito positivo quando trabalhado juntamente com a conscientização da importância da preservação das matas e da espécie. Porém, também pode dar a impressão de que existe uma grande "produção" desses "vermes", e consequentemente, uma grande oferta de peixes-bois; (Kendall e Orozco, 2003), o que não é coerente com a realidade, podendo diminuir a importância da preservação da espécie.

#### 4.2.3 Uso do peixe-boi e crenças populares

Dentre os caçadores de peixe-boi da Amazônia existe uma forte crença de que se o caçador doar alguma parte do peixe-boi, como ossos, gônadas, couro, mesmo que não utilizadas pelas comunidades, irá se tornar "panema" (Galvão, 1951). Ou seja, acreditam que quem doa partes do animal caçado, torna-se incapaz de capturar outro peixe-boi na vida. Essa crença, no entanto, diz respeito apenas às partes não utilizadas pelas comunidades ribeirinhas, já que a carne do animal é, em geral, repartida entre os membros da comunidade. A palavra **panema**, provém do tupi-guarani, faz parte do vocabulário dos caboclos da região norte, e significa "má sorte", "infelicidade" estando mais diretamente relacionada à "incapacidade". Alguns povos ribeirinhos (indígenas e não indígenas) relacionam a panema à uma força

mística, capaz de infectar seres vivos e objetos. De acordo com a crença popular a "panemice" é adquirida (como se fosse uma doença) por causas variadas, em sua maioria relacionadas às mulheres. Já que a caça é prioritariamente uma atividade dos homens, acreditam que a presença de mulheres nessas atividades os torna "panema", má sorte na pesca (Torres, 2007). Algumas crenças também relatam que os caboclos ficarão "panema" se uma mulher grávida se alimentar de sua caça, ou, se quando menstruada, a mulher encostar em seus apetrechos de pesca ("infectando" os objetos), ou ainda se, entre outras causas, animais domésticos tiverem contato com ossos e outras partes da caça.

Por estas razões os caboclos não costumam vender ou doar outras partes do peixe-boi que não seja a carne à qualquer pessoa, temendo que sejam descuidados e deixem que animais domésticos (cães, porcos...) tenham contato com os ossos do animal caçado, o que os deixaria "panema" (Galvão, 1951; Torres, 2007). Por este motivo há muita dificuldade em obter material biológico para pesquisa científica, limitando boa parte dos estudos da espécie basicamente aos animais mantidos em cativeiro.

Algumas crenças refletem o hábito de atribuir funções "humanas" aos animais (Zaniolo, 2006) e relatam possíveis interações entre espécies. De acordo com Hilda I. C. Pérez, pesquisadora do Grupo de Mamíferos Aquáticos da Amazônia do Instituto Mamirauá, é comum escutar na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, onde trabalha, que *"os peixes-bois são amigos dos botos, onde há boto há peixe-boi"*. Uma crença indígena, comum entre os índios Paumaris, habitantes exclusivos do médio Purus, dá ao peixe-boi o status de dono da água, e aos botos o "cargo" de remadores, empregados dos peixes-bois e vão a frente deles anunciando sua chegada (Vieira, 2013; Pantoja, 2015). Justificando o porquê a frase é tão comum, como relatou a pesquisadora. Esse dito popular é provavelmente utilizado pelos caçadores como indicativo de presença da espécie, talvez auxiliando assim a orientação do caçador na busca do peixe-boi. Não há, porém, estudos que comprovem essa relação entre as espécies. Mas é possível associar esta informação ao fato de que caçadores de peixe-boi são também exímios caçadores de botos (Calvimontes, 2009; Pantoja, 2015)

As populações ribeirinhas da Amazônia também acreditam que a carne do peixe-boi tem poderes afrodisíacos, o que incentiva o consumo. Assim como atribuem à banha desse animal um alto poder curativo. Não é raro encontrar em feiras regionais a banha de peixe-boi vendida em forma de pomadas para o tratamento de reumatismo, artrite, artrose, micoses,

queimadura, entre outras doenças (Fig.6). Ainda que, por vezes, essa gordura apesar de vendida como sendo de peixe-boi da Amazônia, é na verdade gordura de porco.



Figura 6: Banha de peixe-boi comercializada na feira  
Fonte: [www.areza.com.br](http://www.areza.com.br); [www.objetosdecena.com.br](http://www.objetosdecena.com.br)

Por outro lado, alguns outros mitos contradizem os citados acima, como relatado por Cristian J. V. Ramirez (CREA/Peru), de que algumas populações acreditam no "mal do sangue", mal este que acomete pessoas que consomem carne de peixe-boi provocando manchas na pele.

A oceanógrafa Gabriele Fuhr Ely, que trabalhou por três anos no CREA/Peru, relatou que durante sua experiência ouviu algumas vezes relatos de que a carne do peixe-boi deixaria os homens impotentes, era um ditado convenientemente espalhado. Não há estudos que comprovem a veracidade dessas crenças, nem mesmo se por essas razões os peixes-bois sejam menos caçados.

Segundo Cristian J. V. Ramirez (CREA/Peru), outro uso é dado à carne do peixe-boi hoje em dia, assim como de jacarés e golfinhos, a carne de peixe-boi vem sendo usada como isca para a pesca da piracatinga (*Calophysus macropterus*) na região da Amazônia peruana. A piracatinga é um bagre carnívoro, necrófago, amplamente apreciado em algumas áreas da Amazônia, especialmente na Colômbia onde vem sendo pescada e consumida em substituição ao capaz (*Pimelodus grosskopfii*), outra espécie de bagre muito apreciada que vem sofrendo declínio na população devido a sobrepesca (Brum, 2011; Iriarte e Marmontel, 2013; Brum et al., 2015; Franco et al., 2016). A pesca da piracatinga vem crescendo recentemente por se tratar de uma atividade de rápido retorno financeiro e que demanda pouco tempo investido em sua captura. Antigamente as vísceras de gado eram usadas como isca para pesca da piracatinga, mas apesar de ilegal, é crescente a caça de golfinhos (boto, *Inia geoffrensis* e tucuxi, *Sotalia fluviatilis*) e jacarés (*Caiman crocodilus* e *Melanosuchus niger*) para que

sejam utilizados como isca para captura de piracatinga, o que tem sido apontado como um dos principais motivos para o declínio das populações dessas espécies e conflitos socioambientais (Brum, 2011; Iriarte e Marmontel, 2013).

Muitos estudos abordam a prática da caça de golfinhos e jacarés para fins de uso na pesca de piracatinga, porém nada trazem quanto ao uso de carne de peixe-boi da Amazônia para mesmo fim. Tendo em vista o já mencionado apreço das comunidades ribeirinhas (indígenas e não indígenas) pelo consumo da carne do peixe-boi como fonte de proteína, esta informação trazida por Cristian J. V. Ramirez (CREA/Peru) causa muita estranheza. Questionado quanto à veracidade desses fatos, Ramirez relata que não há muitos estudos a respeito e o dado provém de conversas informais com pescadores da região, não apenas dele, mas também relatado por colegas que desempenham trabalhos com as espécies junto às comunidades ribeirinhas. No entanto, ainda que superficialmente, é possível encontrar alguns estudos que relatam o uso da carne de peixe-boi para fins de pesca, como já alertava Pantoja (2015) ao registrar o abate de peixes-bois da Amazônia que tiveram sua carne declaradamente usada como isca para piracatinga. Assim como o artigo da Fundação Omacha (ONG ambiental sem fins lucrativos de Bogotá, Colômbia) que corrobora a informação trazida por Cristian J. V. Ramirez (CREA/Peru) quanto à pesca da piracatinga usando carne de peixe-boi. Segundo Mosquera-Guerra et al. (2015), grande parte das pescarias dessa espécie é realizada por meio de capturas direcionadas a golfinhos, peixes-boi e jacarés que são usados como iscas, principalmente no Brasil e no Peru. Cosentino e Fisher (2016) mencionam a caça de golfinhos e espécies marinhas de peixes-bois, na América do Sul e na África Ocidental, com o propósito de usar a carne como isca, com ênfase especial ao peixe-boi africano (*T. senegalensis*) cuja carne é utilizada como isca em Gana e Serra Leoa. No entanto, de acordo com Cosentino e Fisher (2016), na América do Sul não há relatos do uso da carne de peixe-boi como isca, embora corroborem as informações da caça e amplo uso de varias partes do animal para consumo humano e fins medicinais (Cosentino e Fisher, 2016).

A falta de informações científicas devidamente e quantitativamente comprovadas a respeito do uso da carne do peixe-boi como isca está possivelmente relacionada ao fato de ser uma prática nova associada ao peixe-boi, e também ao fato de que trata-se de uma prática clandestina, já que a pesca e comércio da carne do peixe-boi, assim como da piracatinga mais recentemente, no Brasil e Colômbia, são proibidos, não só devido às técnicas de pesca envolvendo jacarés e golfinhos, mas também devido aos altos índices de mercúrio

encontrados na carne deste pescado (Brum, 2011; Iriarte e Marmontel, 2013; Mosquera-Guerra, 2015). De todas as formas, o uso de carne de peixe-boi como isca para pesca da piracatinga requer investigação mais aprofundada para uma melhor compreensão dos aspectos ecológicos e socioambientais que justifiquem esta prática. Estaria de fato havendo abate de peixe-boi com a finalidade de usar sua carne para isca, ou seriam apenas utilizadas aquelas partes não aproveitadas (como vísceras, por exemplo) para esse fim? A compreensão e um maior detalhamento desta prática é fundamental para que se possa desenvolver medidas eficazes de mitigação.

Entre os quatro pesquisadores e técnicos consultados nesse trabalho há um consenso em dizer que não veem relação direta dos eventos de caça com as lendas envolvendo o peixe-boi da Amazônia. No entanto, é possível observar em algumas das lendas e crenças aqui citadas que as mensagens por elas transmitidas podem ser positivas para a conservação da espécie, devendo ser reforçadas nos trabalhos de educação ambiental desenvolvidos junto às comunidades da região.

Mesmo não havendo estudos ou registros que comprovem a eficácia da diminuição da caça por influência desses mitos, essa é uma estratégia utilizada informalmente pelos pesquisadores, como relatou a oceanógrafa Gabriele F. Ely (CREA/Peru) a respeito do mito sobre a impotência masculina causada pelo consumo da carne do peixe-boi. O que, de acordo com os resultados obtidos presente estudo, demonstra ser possível a inclusão de alguns mitos e crenças em programas de educação ambiental com vistas à conservação da espécie. Não necessariamente avalizando crenças, mas quiçá confrontando algumas delas de forma a fazer o caçador questionar sobre, por exemplo, o poder afrodisíaco atribuído à carne da espécie versus o poder da carne do animal causar impotência masculina.

Fica claro, a partir dos resultados aqui obtidos, a importância dos trabalhos realizados por pesquisadores dentro de reservas em contato direto com as comunidades que nelas vivem, de modo a integrar e adequadamente interpretar os conhecimentos tradicionais, os quais normalmente trazem importantes observações do comportamento e da biologia geral dos animais, mas que não raro são equivocadamente interpretados. Já é claro para os pesquisadores a insuficiência dos conhecimentos científicos isoladamente, e a importância do trabalho multidisciplinar diante desta complexidade (Calvimontes, 2009). Esse ponto de vista é também compartilhado pelos moradores de comunidades em que a educação e

conscientização ambiental tem sido praticada regularmente. O morador da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, L. S. dos Reis, declarou em depoimento à websérie **“Peixe-boi - Guardião das Água Amazônicas”** que:

*"Quando a gente conscientiza o povo, tudo melhora. Aí a gente vê que agora aumentou muito o número de peixe-boi"*

Importância esta também reforçada pelos pesquisadores, diante de suas experiências e dos resultados já obtidos nos projetos dos quais fazem (ou fizeram) parte, com o envolvimento direto das comunidades em ações de resgate, reabilitação e reintrodução do animal no meio, realizadas pelos projetos de conservação e preservação.

*"É quando se integra essas pessoas na pesquisa, não é só chegar e extrair informação deles (moradores locais), é fazer parte da pesquisa, pra eles se sentirem integrados na conservação, sentem que estão contribuindo"*

(Hilda I. C. Pérez - websérie **“Peixe-boi - Guardião das Água Amazônicas”**, 2018)

É unânime entre eles que nas áreas de maior esforço de conscientização (educação ambiental), a caça diminui consideravelmente. Para o êxito dessas ações, as informações adquiridas através do etnoconhecimento auxiliaram na compreensão de como se dão as relações etnobiológicas, possibilitando não só um maior conhecimentos a respeito das espécies, mas também compreender quais as melhores estratégias de conservação.

*"Me sinto bem feliz de escutar caçadores que chegaram a caçar mais de 60 peixes-bois na sua vida, falar que eles estão fazendo a sua parte, porque acham que o animal vivo é bonito, eles sempre viram o peixe-boi morto"*

(Hilda I. C. Pérez - websérie **“Peixe-boi - Guardião das Água Amazônicas”**, 2018)

As populações ribeirinhas admitem que, de acordo com o que contam os mais velhos, é visível o declínio sofrido pela população de peixes-bois da Amazônia, contudo parecem ainda não compreender o real risco de extinção da espécie e as consequências que isto acarretaria para o equilíbrio do meio ambiente em que vivem. Pesquisas realizadas em unidades de conservação apontam para uma diminuição no número de eventos de caça e um possível aumento da população de peixes-bois provavelmente como resultado dos trabalhos de educação ambiental desenvolvidos. No entanto, é de suma importância que esse tipo de trabalho continue sendo realizado em toda a área de ocorrência do peixe-boi, incorporando, quando possível, algo dos mitos e lendas, não apenas para manter a cultura regional, mas também como forma de alcançar melhor o público alvo (ribeirinhos, caboclos e indígenas) e assim, numa linguagem apropriada, mitigar as ações predatórias sobre essa espécie ameaçada.



## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Rodrigo S.; SILVA, Vera M.f. da; ROSAS, Fernando C.W.. Body weight/length relationship and mass estimation using morphometric measurements in Amazonian manatees *Trichechus inunguis* (Mammalia: Sirenia). **Marine Biodiversity Records**, v. 3, p.1-4, out. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1017/s1755267210000886>>. Acesso em: 18 ago. 2018.
- BEST, Robin C. The aquatic mammals and reptiles of the Amazon. **The Amazon**, p.371-412, 1984. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.1007/978-94-009-6542-3\\_15](http://dx.doi.org/10.1007/978-94-009-6542-3_15)>. Acesso em: 22 ago. 2018..
- BRITO, Cristina. Referências a mamíferos marinhos n'Os Lusíadas: A realidade biológica e o mundo natural na base da narrativa épica. In: EVANS, Joám; CRESPO, Óscar; KRISTENSEN, Bárbara (Ed.). **Estudos Atlânticos**. Rianxo: Instituto Galego de Estudos de Segurança Internacional e da Paz, 2006. p. 35-47
- BRUM, Sannie Muniz. **Interação dos Golfinhos da Amazônia com a Pesca no Médio Solimões**. 2011. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Biológicas, Biologia de Água Doce e Pesca Interior, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA, Manaus, 2011.
- BRUM, Sannie Muniz et al. Use of dolphins and caimans as bait for *Calophysus macropterus* (Lichtenstein, 1819) (Siluriforme Pimelodidae) in the Amazon. **Journal Of Applied Ichthyology**, v. 31, n. 4, p.675-680, 8 abr. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111/jai.12772>>. Acesso em: 25 jan. 2019.
- CALVIMONTES, Jorge. **Etnoconocimiento, uso y conservación del manatí Amazónico *Trichechus inunguis* en la Reserva de Desarrollo Sostenible Amanã, Brasil**. 2009. 222 f. Tese (Mestrado Conservação De Recursos Florestais) - Universidad Nacional Agraria La Molina, Lima, Perú, 2009.
- CHIARELLO, Adriano G. et al. Mamíferos Ameaçados de Extinção no Brasil: Mamíferos aquáticos (Cetacea, Sirenia e Carnivora).In: MACHADO, Angelo Barbosa M.; DRUMMOND, Gláucia Moreira; PAGLIA, Adriano Pereira (Ed.). **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção**. Fundação Biodiversitas. Brasília-DF: MMA, 2008. v. 2, p. 688-689.
- COELHO, Maria do Carmo Pereira. **As narrações da cultura indígena da Amazônia: lendas e histórias**. 2003. 223 f. Tese (Doutorado Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- COSENTINO, A. Mel; FISHER, Sue. The utilization of aquatic bushmeat from small cetaceans and manatees in South America and West Africa. **Frontiers In Marine Science**,

v. 3, p.1-8, 16 set. 2016. [Http://dx.doi.org/10.3389/fmars.2016.00163](http://dx.doi.org/10.3389/fmars.2016.00163). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.3389/fmars.2016.00163>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

FILHO, Edson Tosta Matarezio. **A Festa da Moça Nova: Ritual de iniciação feminina dos índios Ticuna**. 2015. 534 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Curso de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

FRANCO, Diogo de Lima et al. The piracatinga, *Calophrys macropterus*, production chain in the Middle Solimões River, Amazonas, Brazil. **Fisheries Management And Ecology**, v. 23, n. 2, p.109-118, 5 fev. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111/fme.12160>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

GALVAO, Eduardo. **PANE MA: Uma crença do caboclo amazônico**. São Paulo: Revista do Museu Paulista, 1951. 5 v.

GUTERRES-PAZIN, Michelle Gil et al. Plants with toxic principles eaten by the Amazonian manatee (*Trichechus inunguis*) (MAMMALIA, SIRENIA). **Scientific Magazine Uakari**, v. 9, n. 1, p.61-66, 13 nov. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.31420/uakari.v9i1.144>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

HORROCKS, S. **Manatee Mermaid**. inprnt.com. 2014. Disponível em: <<https://www.inprnt.com/gallery/savannahhorrocks/manatee-mermaid/canvas/>> Acessado em: 13/02/2019. il

IRIARTE, Verônica; MARMONTEL, Miriam. Insights on the use of dolphins (boto, *Inia geoffrensis* and tucuxi, *Sotalia fluviatilis*) for bait in the piracatinga (*Calophrys macropterus*) fishery in the Western Brazilian Amazon. **Journal Of Cetacean Research And Management**. p. 163-173. Não é um mês valido! 2013. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/261359911>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

IUCN. **International Union for Conservation of Nature and Natural Resources**. 2017. IUCN Red List of Threatened Species. Disponível em <<http://www.iucnredlist.org>> Acessado em 12 setembro 2018.

JOHNSON, M. **Capturing traditional environmental knowledge**. 1ª ed. Ottawa, Canada. Dene Cultural Institute and International Development Research Centre 1992. 190 p.

KENDALL, Sarita; OROZCO, Diana Luz. El árbol de los manatíes: caza, concertación y conservación en la Amazonia colombiana. In: CAMPOS-BOZO, Claudia; ULLOA, Astrid (Ed.). **Fauna Socializada: Tendências en el Manejo Participativo de la fauna en América Latina**. Bogotá: Fundación Omacha, 2003. p. 215-236.

MOSQUERA-GUERRA, Federico et al. Impactos de las pesquerías de *Calophrys macropterus* un riesgo para salud pública y la conservación de los delfines de río en Colombia. **Momentos de Ciência: Revista Facultad de Ciencias básicas, Colômbia**, v. 12, n. 2, p.76-87, jul. 2015.

NASCIMENTO, Glória Cristina C. do. Mestre dos mares: o saber do território, o território do saber na pesca artesanal. In: CANANÉA, Fernando A. **Sentidos de leitura: sociedade e educação**. João Pessoa: Imprell, 2013. p. 57-68.

PANTOJA, Tatyanna Mariucha de Araujo. **O Peixe-boi da Amazônia no Baixo Jari: Conhecimento local, uso de habitat e conservação**. 2015. 185 f. Tese (Doutorado em Zoologia) - Universidade Federal do Pará, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 2015. il.

PEREIRA, N. O Peixe-boi da Amazônia. **Boletim do Ministério da Agricultura**. Rio de Janeiro: v. 33, n. 5, p. 21 – 95. 1944.

PEREIRA, Bárbara Elisa; DIEGUES, Antonio Carlos. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 22, p.37-50, 23 dez. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/dma.v22i0.16054>>. Acesso em: 16 out. 2018..

ROSAS, Fernando César Weber. Biology, conservation and status of the Amazonian Manatee *Trichechus inunguis*. **Mammal Review**, Grã-bretanha, v. 24, n. 2, p.49-59, jun. 1994. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111/j.1365-2907.1994.tb00134.x>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

ROSAS, Fernando César Weber; PIMENTEL, Tatiana Lucena. Order Sirenia (Manatees, Dugongs, Sea Cows). **Biology, Medicine, and Surgery of South American wild animals**, p.352-362, 29 maio 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1002/9780470376980.ch31>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

SILVA, Vera M. F. da; ROSAS, Fernando César W.; CANTANHEDE, Andréa M.. *Trichechus inunguis* (Natterer, 1883). In: MACHADO, Angelo Barbosa M.; DRUMMOND, Gláucia Moreira; PAGLIA, Adriano Pereira (Ed.). **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção**. Fundação Biodiversitas. Brasília-DF: MMA, 2008. v. 2, p. 816-818.

Site areza.com. **Pomada de peixe boi**. Disponível em: <<http://www.areza.com.br/Detalhes.aspx?produto=13973>> Acessado em: 11/02/2019. il.

Site folclorebrasileiroblog.wordpress.com. **Lenda do Peixe-boi**. 22/03/2016 . Disponível em: <<https://folclorebrasileiroblog.wordpress.com/2016/03/22/lenda-do-peixe-boi/>> Acessado em: 15/10/2018. il.

Site imagick.com. **As sedutoras sereias da mitologia grega**. 10/03/2018 Disponível em: <<http://www.imagick.com.br/?p=29008>> Acessado em: 13/02/2019. il.

Site objetosdecena.com. **Latinha banha peixe boi Amazonia**. Disponível em: <[http://objetosdecena.com.br/j/index.php?option=com\\_catalogo&opt=product&id=44721](http://objetosdecena.com.br/j/index.php?option=com_catalogo&opt=product&id=44721)> Acessado em: 11/02/2019. il.

Site omacha.org. **Los Manatíes del Amazonas**. Disponível em: <<http://www.omacha.org/component/jdownloads/finish/11/30?Itemid=0>>. Acessado em: 12/02/2019 il.

SOUZA, Diogo Alexandre de. **Peixe-Boi da Amazônia (*Trichechus inunguis* Natterer 1883): Mortalidade e uso do habitat na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Piagaçu-Purus, Amazonas, Brasil.** 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado Biologia de Água Doce e Pesca Interior) - Curso de Ciências Biológicas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – Inpa, Manaus, 2015. il.

TORRES, Iraildes Caldas. Mujeres Pescadoras y Cambio de Significación del Mito de Panema en la Amazonia. In: Congreso Chileno De Antropología, 6., 2007, Chile. Valdivia: Colegio de Antropólogos de Chile A. G, 2007. v. 2, p. 1 - 7

VIEIRA, Angélica Maia. **Os paumari e o peixe-boi: da concepção histórica a prática da pesca.** 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

WEBSÉRIE: **Peixe-boi - Guardião das Águas Amazônicas.** Produção de Eunice Venturi. Realização de Instituto Mamirauá; Fundação Grupo Boticário. Música: Scott Holmes. Amazonas, Brasil: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2018. 3 (16 min.), son., color. Legendado. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/playlist?list=PL9yc3STHlgTJcMgU0zRDYglAcjgOv4Ic1>>.  
Acesso em: 10 jan. 2019.

ZANIOLO, Giovana Regina. **Etnoconhecimento do peixe-boi amazônico *Trichechus inunguis* (Natterer, 1883) pelos pescadores de Novo Airão, Amazonas, Brasil.** 2006. 105 f. Dissertação (Mestrado Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2006.